

LITERATURA MEDIEVAL

Volume I

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

IV CONGRESSO DA AHLM
COMISSÃO ORGANIZADORA

PRESIDENTE

AIRES A. NASCIMENTO
(Universidade de Lisboa)

VICE-PRESIDENTES

CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO
(Universidade de Lisboa)

TERESA AMADO
(Universidade de Lisboa)

VOGAIS

ANA MORAIS
(Universidade Nova de Lisboa)

ARNALDO ESPÍRITO SANTO
(Universidade de Lisboa)

LEONOR CURADO NEVES
(Universidade de Lisboa)

MARGARIDA MADUREIRA
(Universidade de Lisboa)

MÁRIO REIS
(Edições Cosmos)

SECRETARIADO

AURORA ALVES
ELSA SIMÕES
LUÍSA ANTUNES
MARIA DA CONCEIÇÃO SILVA
TERESA OLIVEIRA

CATARINA FONSECA
ISABEL FERREIRA
MADALENA TAVARES
PAULO MILITÃO
VÍTOR GOMES

© 1993, EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: EDIÇÕES COSMOS

2ª edição: Maio de 1993
Depósito Legal: 63838/93
ISBN: 972-8081-04-9

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1ª — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01
Fax: 347 82 55

Osculetur me osculo oris sui: uma leitura a várias vozes ou dramatização do Livro dos Cantares num manuscrito cisterciense de Arouca

Aíres A. Nascimento

À memória do P^e Mário Martins

1. No antigo mosteiro cisterciense de Arouca, encontrámos recentemente um *Leccionário* que tem passado despercebido¹ e que julgamos merecer atenção, que mais não fosse, por dois elementos textuais: a presença da discutida *epístola aos Laodicenses*, e a rubricação introduzida no *Cântico dos Cânticos*.

Tratando-se de um mosteiro cisterciense², e conhecida como é a regulamentação para a uniformidade litúrgica inculcada desde os primeiros Capítulos da Ordem, e sabido também o cuidado posto pelo próprio Estêvão Harding em recuperar criticamente uma versão bíblica autorizada, é já de si um tanto estranho que se haja admitido um texto não aceite no cânon tradicional, como é a *epístola ad Laodicenses*³.

Não será para nós, porém, elemento sem valia, pois só encontramos explicação para tal ocorrência no facto de o manuscrito ser produto de tradição local. Efectivamente, não podendo relacionar-se com casos exógenos de tradição cisterciense, não parece ser despropositado relacioná-lo com o ramo hispânico da tradição daquela epístola pseudo-paulina, ramo esse representado, pelo menos por dois testemunhos de prestígio, como são o *Legionensis*, do séc. X, e o *Cavensis*, de data idêntica⁴.

2. Ganhando assim um elemento caracterizador de origem, não será de menor importância situar o nosso códice no tempo e no contexto originário. Baste-nos aqui também poder atribuí-lo ao séc. XIII e ser verosímil que tenha pertencido ao fundo da primitiva comunidade cisterciense, que recebe a bula de filiação dada por Inocêncio III, em 1225, e é governada pela rainha Mafalda nos trinta anos subsequentes.

Todo o contexto em que processa a filiação cisterciense do mosteiro é de raiz e inspiração nitidamente hispânicas, na sequência da estada de Dona Mafalda em Las Huelgas de Burgos; alguns dos seus manuscritos, nomeadamente o *Colectarium* que passa por ter pertencido à fundadora, mas sem fundamento legítimo⁵, têm origem hispânica⁶.

3. Estes dois dados (origem e localização) não entram, por seu lado, em contradição com o carácter litúrgico do manuscrito.

Estamos efectivamente, como lemos no *incipit*, perante um *Lectionarium a Kalendis Novembris usque in Pascha priuatis diebus*. Sabemos como também neste particular do leccionário o modelo de Claraval terá sido determinante, mas não foi impositivo⁷. Se sobreviveram casos de diversidade, ela era certamente possível num meio em que a diferença admitida começava no estatuto dos próprios membros da comunidade⁸. Há, além disso, que levar em conta que a livraria de Arouca nos aparece desde sempre dependente do exterior⁹. É plenamente admissível que essa dependência possa ter levado a aceitar o que noutra local era já tido como ultrapassado. Vale-nos isso a conservação de testemunho de uma tradição que não poderá ser posta em causa só pelo facto de ficar atestada por testemunho isolado.

4. O interesse maior de testemunho deste manuscrito está provavelmente no segundo elemento a que nos referíamos, ou seja, na rubricação do *Livro dos Cantares*.

Não valerá a pena acentuar aqui como este livro bíblico ocupou lugar de relevo tanto na tradição judaica como na tradição cristã. Nem tão pouco será necessário determo-nos na importância que ele teve para a espiritualidade cisterciense¹⁰. Estes dados estão comprovados e deixamo-los pressupostos. Se apelamos para eles é unicamente para que se não estranhe, desde já, o relevo que o tratamento dado no nosso manuscrito deixa perceber.

Não nos interrogamos aqui também sobre a circunstância menos habitual de a leitura do *Cântico* estar prevista para a oitava da festa da Purificação de Maria¹¹. Com isso estaremos certamente próximos de um aproveitamento mariológico do texto, próximo do realizado pela reforma litúrgica de 1147, reforma essa em que o próprio Bernardo de Claraval participou, e que para as antífonas da Assunção de Maria tomou justamente o *Cântico*.

Não é, porém, conteúdo mariológico o que se depreende da rubricação. Por isso julgamos haver razão para anteciparmos a sua constituição a um tempo anterior ao da elaboração do manuscrito e não tão próximo que impeça a credibilidade da transposição de referência sem se ter reparado no próprio conteúdo da rubrica.

5. A análise concreta revela-nos o texto latino do *Cântico* repartido em cinco grupos de três lições destinadas a serem utilizadas durante a oitava da Purificação de Maria. Nota singular, e de máximo interesse literário, é o facto de a leitura estar prevista, pela rubrica, para um número diversificado de personagens, numa interpenetração de intervenções que supõe uma verdadeira inter-relação. As personagens são: Sinagoga, Igreja, Cristo, Amigos, Esposo, Esposa, Patriarcas.

Mais. Não há apenas uma atribuição por referência, mas definida a sua intervenção por *uox*. Ou seja, pressupõe-se uma execução como termo da *performance* do texto e sua transformação em *actio*¹².

Se tal facto deixa entender, no mínimo, uma leitura a várias vozes, em jogo de alternância, de não menor interesse será, para a reconstituição global do contexto em que essa leitura se desenrola, ter em conta a menção de outras personagens objecto de interpelação, ainda que sem intervenção directa, como são, nomeadamente: herejes, gentios, apóstolos.

Com isto parece inevitável ter de admitir um grupo relativamente largo de personagens, individuais ou colectivas, em que cada qual assume um papel diferente, em momentos vários. Dado que o texto de base não chega para levar ao reconhecimento de tais personagens e não parece também que houvesse qualquer *entertainer* que as anunciasse, será talvez de colocar a hipótese de que o conteúdo da rubrica fosse transposto para algum traço de figuração exterior.

A estrutura das rubricas, por seu lado, deixa entender, de algum modo, que se ultrapassa a simples alternância de registo de vozes para se atingir o nível de inter-relação de personagens. Julgamos reconhecer marca pertinente da procura desse efeito a oposição de preposições (*de*, *ad*, ou outras). Assim: *uox ecclesie de gentibus / uox aduersus hereses / Christus ad apostolos / ecclesia ad Christum / uox ecclesie ad Christum*.

Pertinente será, por sua vez, também a insistência na *uox* da personagem, que é presença-performância, quando pareceria suficiente mencionar apenas o seu *nomen*. A «veracidade» do registo implica que se exclua qualquer ambiguidade de situação que pudesse caber na ausência-referência dada pelo *nomen*. Assim os casos de falta do registo da *uox* são mínimos e não constituem oposição significativa.

Também não é certamente indiferente que o verbo da rubrica, embora de tipo declarativo, oscile entre o *dicat* e o *respondit*. Daí se deduz o grau de inter-relação das personagens dentro de uma acção de conjunto.

Por outro lado, se a existência da *uox*, como tal, acentua o fenómeno da presença-ausência por entreposta impersonificação, mesmo quando deixada no anonimato de *uox consolatoria*, isso implica uma execução. Faltam, no entanto, as modalidades ou correlações táctilo-visuais de «teatralidade» quanto ao espectáculo daí resultante para o *uisus*, na sequência da fruição captada pelo *auditus*.

6. Este tratamento do *Livro dos Cantares* implica uma transposição do nível lírico, associado, naturalmente, ao sentido místico tradicional para atingir o nível dramático.

É negável que o *Cântico* simula um diálogo entre um Eu e um Tu, que incarnam um Ela (esposa) e um Ele (esposo), assistidos por um Coro de donzelas (1,8; 5,9; 6,1; 7,1; 8,5-14). Sempre entendido pela tradição judaica e também depois pela tradição cristã como expressão de uma relação esponsalícia de Deus com o seu Povo, coubera-lhe particularmente na liturgia judaica um lugar adequado ao realce de tal significado, ao ficar-lhe designada a comemoração pascal e a celebração do sábado. Nos antigos *Ordines Romani* e bem assim no *Liber Commicus* visigótico estava prevista a sua leitura durante o mês de Agosto, em tempo liturgicamente não marcado. Pareceria que, acentuando-se o carácter individual da relação mística esponsalícia com o monaquismo e respectivos comentadores, ficava excluída a exteriorização.

No entanto, não só a reforma litúrgica de 1147, se serve do *Cântico* para constituir as antifonas da festa da Assunção. A ele recorre igualmente a liturgia da festa da Purificação. Esta, por seu lado, com a procissão das velas e todo o ritual anexo apresenta uma exteriorização, ou melhor dizendo, um «tempo de integração»¹³ possível que talvez não seja de menosprezar quando procuramos indícios de teatro litúrgico. Num mosteiro de monjas parece legítimo admitir a exteriorização esponsalícia do *Cântico* no contexto dessa festa.

Teremos talvez um apoio para a hipótese que formulamos na rubrica inicial que prevê a leitura durante a oitava desta festa. O reforço poderá vir igualmente de uma anotação datada de 1568, que, embora tardia, talvez traduza uma tradição e deixa entrever uma associação estreita com aquela celebração. Diz ela: «Acabada a octava non diram mais desta Cantica Cantorum e se crescer dobrem as lições para que se acabe por toda octava. 1568». A razão de ser da nota está pressuposta para a hipótese de ocorrer o adiantamento da quaresma. Ela testemunha também quanto foi mantido em uso o nosso Leccionário, sem que se tenha alguma vez obliterado as rubricas do *Cântico*, não obstante ser caso único em todo o manuscrito.

A verdade é que se há uma inflexão mariana no uso, ou seja, se a *performance* foi alterada na iteratividade¹⁴, manteve a genuinidade do testemunho na recepção, não alterando a rubricação, que continua um estado anterior de onde está ausente ainda a figura de Maria¹⁵.

Voltamos assim, de novo, à questão da data, e agora já não do manuscrito, mas do próprio arranjo de rubricas. Não temos dados que nos permitam apontá-la, mas temos de supô-la bastante anterior à constituição do nosso manuscrito. Mais. O facto de uma versão do *Cântico* com as rubricas que o nosso manuscrito apresenta ter sido tomada integralmente para cópia na constituição de um Leccionário, sem qualquer depuração, tem, por sua vez, de ser interpretado como significativo da sua difusão e predomínio num determinado meio cultural. Este, por seu lado, como já salientámos, não pode ser senão hispânico.

Importância não menor é a determinação do género em que este testemunho deva incluir-se.

Ora, se alguma analogia podemos encontrar, ela vem-nos de *ludi* que reconhecidamente se servem do *Cântico*, como é a *Visitatio sepulchri* do manuscrito de Ripoll (c. 1100)¹⁶, ou a que figura nos *Carmina Burana*¹⁷.

7. Fica-nos, pois, um *ludus sacer*, construído com o texto do *Livro dos Cantares*. Em testemunho único, tanto material como textualmente, provavelmente de uma tradição cujos horizontes nos escapam, mas que temos necessariamente de integrar na tradição hispânica do teatro medieval, das suas origens, das suas formas e da sua evolução.

Foi delineado ainda recentemente o ponto de situação desta *uexata quaestio*¹⁸, para podermos aquilatar o interesse que qualquer novo testemunho deva merecer, particularmente quando nos chega de zona geográfica habitualmente menos documentada, como é a do território português.

As assimetrias regionais têm sido por vezes postas em destaque e não será demais lembrar como o lado português se tem revelado escasso. A crítica tem-se visto obrigada a um prudente

non liquet, tanto de expectativa como de dúvida, quanto ao conteúdo de referência real a atribuir às proibições eclesásticas recolhidas das actas dos sínodos provinciais, embora sem deixar de admitir que ele tem de ser pressuposto¹⁹, mesmo quando se possa provar que a formulação coincide com outras de diferente origem²⁰.

Deve-se ao P. Mário Martins²¹ o maior esforço para a recolha criteriosa dos dados existentes, desde as disposições sinodais aos costumesiros e fontes litúrgicas ou devocionais.

Ao aduzirmos mais este testemunho português, salientaremos que temporalmente ele não deve estar afastado das disposições sinodais de Lisboa que datam de 1240 e reproduzem as de Eudes de Sully, bispo de Paris, na proibição aos sacerdotes de assistirem a espectáculos ou danças. Este testemunho representa, todavia, uma contrapartida e corresponde ao que mais tarde, em 1477, o sínodo de Braga explicitamente permitia para a noite de Natal, ou seja «alguua booa e devota representaçom assy como he a do presepio ou dos Reix Maagoos ou doutras semelhantes a ellas»²².

Por outro lado vai bem mais além do que deixa supor a «pequena pastorela» descoberta por Solange Corbin²³ num *Psalterium* da BPM do Porto (Ms 1151) para as Laudes da noite de Natal, em que se descortina um diálogo entre dois grupos, um dos quais constituído por pastores.

Neste contexto, e porque o nosso manuscrito pertence a um mosteiro cisterciense, importará, sem dúvida, pôr uma vez mais em questão as explicações habitualmente aduzidas para justificar a escassez de teatro litúrgico medieval na Península. Por onde andarão outros testemunhos? Uma questão sempre em aberto, a reclamar o interesse e o trabalho conjugado de filólogos e arquivistas.

Notas

¹ Alguns investigadores se detiveram ainda que apressadamente a recolher dados dos códices de Arouca: J. Leclercq, «Les manuscrits cisterciens du Portugal», *Analecta sacri Ordinis Cisterciensis*, 6, 1950, 131-139; Solange Corbin, *Essai sur la musique religieuse portugaise au moyen âge*, Paris, 1952; Andrew Hughes, «Medieval liturgical books at Arouca, Braga, Évora, Lisbon and Porto: some provisional inventories», *Traditio*, 31, 1975, 369-384; A. Nogueira Gonçalves, «Livros litúrgicos [do mosteiro de Arouca]», in *Inventário artístico de Portugal — Distrito de Aveiro (Zona de Noroeste)*, Lisboa, 1991, pp. 59-62. O nosso manuscrito tem a cota: 2 / I. O fundo de manuscritos do antigo mosteiro cisterciense de Arouca é escasso, não ultrapassando as três dezenas. Procurámos estabelecer um enquadramento do livro medieval nesse ambiente em comunicação aos *Encontros de S. Bernardo* realizados em Arouca de 7-10 de Junho de 1991 (Actas em publicação).

² Para os primeiros séculos, cf. Maria Helena da Cruz Coelho, *O mosteiro de Arouca, do séc. X ao séc. XIII*, Coimbra, 1977.

³ Para uma breve elucidação das questões por ela levantadas, cf. «Laodiceia», in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, ed. A. van den Born, Petrópolis; J. Quasten, *Patrologia*, I, Madrid, 1968, pp. 157-158.

⁴ Cf. elenco dos testemunhos na recensão feita por Robertus Weber, *Biblia Sacra iuxta vulgatam versionem*, ed. alt., Stuttgart, 1975.

⁵ Uma anotação do ano 1258, relativa a uma fome que grassava na Galiza retira legitimidade à atribuição de posse por parte da rainha Santa Mafalda, já que esta morreu em 1256.

⁶ Os critérios para o estabelecimento desta origem podem ser vários, começando pelas atestações a recolher nos colofones; está em curso uma análise mais precisa que incluirá nomeadamente a exploração de aspectos materiais e iconográficos, incluindo semelhanças com códices de outros fundos, como o de Las Huelgas e o de Alcobaça.

⁷ Cf. F. Dolbeau, «Le légendier d'Alcobaça», *Analecta Bollandiana*, 102, 1984, 265-296.

⁸ Maur Cocheril, *Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal*, Paris, 1978, pp. 140 ss., coloca a questão do estatuto da própria fundadora que dispunha dos seus próprios bens.

⁹ O testamento de D^a Mafalda, ao mandar devolver a Alcobaça, uma Bíblia que dali houvera, poderá ser um primeiro testemunho. Os colofones dão-nos uma confirmação. Efectivamente, para uma pequena comunidade de monjas nem outra coisa era de esperar.

¹⁰ Cf. Jean Leclercq, *Initiation aux auteurs monastiques du moyen âge — L'amour des lettres et le désir de Dieu*, Paris, 1957, pp. 83-86.

¹¹ Não se deixe todavia de ter em conta a importância que esta festa tinha entre os cistercienses. Cf. *Livro dos usos e cerimônias cistercienses da Congregação de Santa Maria de Alcobaça da Ordem de S. Bernardo*, Lisboa, II, 1788, livro III, cap. XXXI, pp. 192 ss.

¹² Cf. Paul Zumthor, «La performance, oralité et écriture», in *La poésie et la voix dans la civilisation médiévale*, Paris, 1984.

¹³ Na terminologia de P. Zumthor, *loc. cit.*

¹⁴ Talvez por reajustamento da «oralidade mista» à «oralidade secundária», se é permitido utilizar as categorias de P. Zumthor, *Op. cit.*, p. 48 ss.

¹⁵ Se a interpretação mariológica do Cântico, lembra J. Leclercq, *Initiation aux auteurs monastiques du moyen âge — L'amour des lettres et le désir de Dieu*, Paris, 1957, p. 85, n. 3, aparece sob influência da liturgia em forma de alusão em sermões, é rara nos comentários constituídos por monges, exceção feita para Ruperto de Deutz, mas está ausente dos comentários cistercienses.

¹⁶ O fenómeno da reminiscência do Cântico é assinalado por Richard Axton, *European Drama of the early Middle Ages*, Londres, 1974, pp. 68-70, que remete para K. Young, *The Drama of Medieval Church*, Oxford, 1933, I, p. 685, estranhando, aliás, que nem R. B. Donovan, *Liturgical Drama in Medieval Spain*, Toronto, 1958, nem O. B. Hardison Jr, *Christian Rite and Christian Drama*, Baltimore, 1965, tenham anotado a «linguagem salomónica» do texto.

¹⁷ Diálogo entre Cristo e Madalena; cf. O. Schumann & B. Bischoff (ed.), *Carmina Burana*, Heidelberg, 1970, I, 3, 26a*, pp. 186-187.

¹⁸ Cf. H. López Morales, «Sobre el Teatro Medieval Castellano: Status Quaestionis», *Boletín de la Academia Puertorriqueña de la Lengua Española*, 14, 1986, 99-122; Ana M^a Álvarez Pellitero, *Teatro Medieval*, «Introducción General» Madrid, Austral 157, 1990; Alan Deyemond, *Edad Media — Primer Suplemento*, in *Historia y Crítica de la Literatura Española*, org. Francisco Rico, Barcelona, 1991, pp. 351-361.

¹⁹ Assim o interpreta Ana M^a Álvarez Pellitero, *Op. cit.*, p. 24.

²⁰ Como foi salientado para as *Partidas*, I, tit. VI, lei 35, por Ronald E. Surtz, *Teatro medieval castellano*, Madrid, Taurus, 1983, p. 12, e por H. López Morales, *Loc. cit.* e se pode apontar relativamente a sínodos diocesanos quanto a dependência de textos conciliares.

²¹ Mário Martins, «Teatro sagrado na nossa idade-média», *Brotéria*, 50, 1950, 140-153; «O teatro litúrgico na Idade Média Peninsular», *Estudos de Cultura Medieval*, Lisboa, 1969, pp. 11-33.

²² *Synodicon Hispanicum, II — Portugal*, dir. António García y García, Madrid, 1982, «Sínodo de 1477, Constituição XIII^a», p. 90.

²³ Solange Corbin, *Essai sur la musique religieuse portugaise en moyen âge*, Paris, 1952, pp. 292-293.

Apêndice

Arouca, ms 2 / I, *Leccionarium a Kalendis Novembris usque in Pascha priuatis diebus*
fls. 141v: *Incipiunt Cantica Cantorum quod ebraice dicitur Sirasirim. Per octauas Purificationis beate Marie Lecciones.*

1] Lectio prima

Osculetur me osculo oris sui quia meliora...

Vox sinagoge. Nigra sum sed formosa...

Vox ecclesie. Indica mihi quem diligit anima mea...

Vox Christi. Si ignoras te o pulchra inter mulieres...

Vox amicorum. Murenulas aureas faciemus tibi uermiculatas argento...

Lectio II

Vox ecclesie. Cum esset rex in accubitu...

Vox Christi. Ecce tu pulchra es amica mea...

Vox ecclesie. Ecce tu pulcher es dilecte mi...

Vox Christi. Ego flos campi...

Vox ecclesie. Sicut malum inter ligna siluarum...

Lectio III

Vox Christi. Adiuro uos...

Vox ecclesie. Vox dilecti...

Vox Christi. Surge amica...

Vox aduersus hereses. Capite uulpes...

2] Lectio I

Vox ecclesie de gentibus. In lectulo meo per noctes...

Ecclesia de Christo dicit. Num quem dilexit...

Vox Christi. Adiuro uos filie...

Vox sinagoge. Que est ista que ascendit per desertum...

Lectio II

Vox ecclesie. En lectulum Salomonis...

De ecclesia dicit. Ferculum fecit...

De Christo dicit. Columnas eius fecit argenteas...

Vox ecclesie de Christo. Egredimini et uidete filie Syon...

Lectio III

Vox Christi. Quam pulchra es...

3] Lectio I

Christus ecclesie spiribus dona tribuit. Surge aquilo...

Ecclesie de Christo dicit. Venit dilectus...

Christus dicit. Veniat in ortum meum...

Christus ad apostolos dicit. Comedite amici...

Vox ecclesie. Vox dilecti mei...

Vox Christi. Aperi mihi...

Vox ecclesie. Dilectus meus misit...

Lectio II

[*Vox ecclesie*]. Adiuro uos...

Vox sinagoge. Qualis est dilectus...

Vox ecclesie. Dilectus meus...

Lectio III

Vox sinagoge. Quo abiit...

Vox ecclesie. Dilectus meus...

Vox Christi. Pulchra es amica mea...

4] Lectio I

Vox Christi. Descendi in ortum...

Vox sinagoge. Nesciui anima mea...

Lectio II

Vox consolatoria. Reuertere reuertere...

Vox sinagoge. Qui uidebis...

Vox Christi. Quam pulchri sunt...

Lectio III

Sponsus de cruce dicit. Dixi ascendam...

Sponsus de sponsa. Et erunt ubera

Ecclesia de Christo. Dignum dilecto...

Sponsa de sponso. Ego dilecto meo...

Ecclesia de Christo. Veni dilecte mi...

5] **Lectio I**

Vox Patriarcharum de Christo. Quis mihi det...
Vox Christi. Adiuro uos...
Vox sinagoge. Que est ista que ascendit...
Vox sponsi. Sub arbore malo...

Lectio II

Ecclesia ad Christum. Pone me ut signaculum super cor tuum...
Christus ad sinagogam de ecclesia. Soror nostra parua...
Christus sibi respondit. Si murus est...

Lectio III

Respondit ecclesia. Ego murus et ubera mea sicut turris...
Sinagoga ecclesie dicens. Vineam fuit Pacifico...
Christus dicit. Vineam meam coram me est...
Vox Christi. Que habitas in hortis...
Vox ecclesie ad Christum. Fuge dilecte mi... *Expliciunt Cantica Canticorum versus numero CCLXXX. Incipit Liber Genesis. Feria secunda post septuagesimam.*
 [fol. 146v]